

trabalho, resta-nos apenas fazer votos de que no futuro lhe seja garantida continuidade.

DINA ABREU, EMÍLIA OLIVEIRA, RAQUEL FILIPE

Maria Cristina Pimentel, *Catão Censor*, Mem Martins, Editorial Inquérito, Colecção *Vultos da Antiguidade*, (5), 1997 ; Abel N. Pena, *Espártaco Epicteto e outros escravos*, Mem Martins, Editorial Inquérito, Colecção *Vultos da Antiguidade* (3), 1996

Incluídos numa mesma colecção (*Vultos da Antiguidade*), que pretende transportar até à actualidade grandes personalidades da História de Roma, os dois volumes em apreciação, percorrendo caminhos organizacionais diferentes, não deixam nenhum deles de nos presentear com uma "leitura fundamentada, mas não desmotivante" (p. 2 dos dois volumes.). Assim sendo, partindo de uma análise avulsa de cada um dos volumes, poderemos eventualmente estabelecer algum confronto entre eles se assim nos parecer pertinente

No volume *Catão Censor*, considerado este vulto pela autora como "defensor das virtudes romanas, mas ele próprio uma máquina eficaz de acumular capital e conseguir lucros..." (p. 55) vêem também os testemunhos antigos na figura de Catão "a grandeza que, no homem é sempre tocada de defeito." (p. 56) Esta é a imagem mais sucinta, mas mais completa que apresentada na conclusão do presente volume melhor define a personalidade de Catão.

Designado Catão como o Censor, é assim que o vimos afigurado nas cerca de quarenta páginas iniciais deste estudo, onde a autora passa em revista, de uma forma cronologicamente linear e detalhada, a sua actuação político-militar. Perceptível esta progressão temporal da sequência de acontecimentos, desde logo no minucioso índice, consegue a autora dotar de uma perfeita harmonia aquilo que se poderia tornar numa fastidiosa abordagem biográfica. E é, segundo nos parece, esta cadência conseguida, por um lado, pelo facto de ser a personalidade inflexível de Catão, envolvida de uma complacência para com aqueles que lhe estão mais próximos e, por outro lado, pela forma como se encontra bem concatenada a sua figura. Conhecer este vulto é também tomar contacto com a realidade expansionista de Roma, com os seus certames contra Cartago e com toda a influência da Grécia na mundividência romana. Os horizontes do leitor extravasam o simples conhecimento de Catão, e estendem-se até mesmo ao conhecimento de certas leis, relevantes na história de Roma.

Seguindo o propósito da colecção, também este volume prima por valorizar as fontes antigas referentes a Catão colocando no final do estudo traduções das declarações mais marcantes da personalidade em causa, assim como enunciando as obras do mesmo, que conseguiram chegar até nós através dos tempos.

Relativamente à selecção das fontes sobre Catão, tem a autora o cuidado de para além de enunciar as fundamentais para o seu conhecimento, seleccionar alguns textos de autores como Cícero, Quintiliano, Valério Máximo ou Cornélio Nepos que, não sendo uma simples união de excertos, são acima de tudo um conjunto de textos capazes de criarem uma coerência conclusiva sobre a figura de Catão. E em consonância com isto vê-se também a própria narrativa enriquecida com a inclusão de alguns testemunhos de Tito Lívio e Plutarco bem como com a presença de excertos de algumas declarações de Catão, as quais, indicadas por aspas em discurso directo, tornam a situação enunciada mais verosímil e profundamente mais esclarecedora da personalidade em estudo. Sendo de louvar a preocupação da autora em recorrer às fontes cronologicamente mais próximas e certamente mais fidedignas para cimentar o seu estudo, lamentamos somente o facto de carecerem estas referências de uma localização exacta da obra donde foram extraídas, ausência esta que também se faz sentir mesmo quando o autor apresenta a tradução do texto em latim. Favoreceria esta breve localização o trabalho de quem terá curiosidade ou até mesmo necessidade de consultar pontualmente as fontes no seu original. Contudo se no final do volume são apresentados alguns excertos das obras de Catão, com uma localização nem sempre precisa, parece-nos ser esta uma técnica zelosamente bem escolhida, dado que colocados no final do estudo são como que um despertar a atenção do leitor para um conhecimento mais aprofundado dos discursos da personalidade.

Resta-nos felicitar a forma como foi estruturado este estudo. Apresentado segundo um índice bastante detalhado o que facilita a sua consulta, é Catão dado a conhecer ao leitor através da sua actuação político-militar, vida privada, ditos célebres e actividade política. Não dispensou a autora uma boa conclusão que, sendo necessária num livro de consulta como este, sintetiza muito bem a actuação e personalidade de Catão. Tem aqui o *lector* contacto com um vulto mais humano, mas também mais imperfeito. É Catão o general inflexível e simultaneamente o homem que imerge erroneamente nos seus próprios valores que reluz aos nossos olhos.

Como já fora referido, é de enobrecer o propósito de se enunciar e seleccionar no final do livro as fontes antigas sobre Catão e as suas declarações mais marcantes, que, para além de fundamentarem o estudo em causa, despertam a curiosidade do leitor para a literatura clássica. Em suma, foi este estudo finalizado, segundo nos parece, da melhor forma, com a indicação de algumas fontes sobre aspectos mais específicos sobre Catão e ao mesmo tempo com uma referência bibliográfica mais geral capaz de proporcionar ao leitor uma visão de conjunto.

Diferente em termos organizacionais, mas de igual modo motivante é o volume nº3

Espártaco Epicteto e outros escravos de Abel N. PENA, cujo estudo tende a aproximar-se da estrutura de um romance.

Acompanhado o título de um subtítulo - *Pirataria e escravatura na Roma Antiga* -, que faz avultar neste volume um estudo geral sobre a pirataria e escravatura em Roma é o seu índice pouco delineado, o que certamente se justifica pelo facto de querer o autor afastar-se dos tradicionais apontamentos cronologicamente organizados. Ainda que, em nosso entender, nada perderia se pusesse em destaque no índice outros títulos, para além dos apresentados, dada a riqueza histórico-cultural contida neste volume.

É o índice simplesmente composto pelos itens: Espártaco; Epicteto; bibliografia de referência e Principais fontes antigas utilizadas. São as fontes antigas, à semelhança do que se passara com o estudo de Catão, verdadeiros alicerces para este estudo e surge a bibliografia como um abrir de pistas para uma posterior investigação ou simples consulta. Contudo, se de facto tivera em mente a inclusão das fontes e da bibliografia os mesmos objectivos que o volume anterior, afastado em termos de organização, já que envolve a exposição dos acontecimentos numa perfeita ambiência romancista.

Tendo o autor o cuidado de favorecer a compreensão dos factos narrados, facultou, na página imediatamente a seguir ao índice, um mapa de Itália e Sicília no século I a C. pois, para além das várias referências topográficas feitas ao longo da narrativa, tivera a narração precisamente início com uma descrição realisticamente pormenorizada. Apresentado o espaço, surge logo no início da narrativa a curiosa figura de Corício, personagem que contemplando "o mar azul e intenso" (p. 10), adquirirá na exposição o papel de narrador onisciente e omnipresente. Corício é a personagem que nos leva ao encontro da história da escravatura e da pirataria ao longo dos tempos em Roma e prepara caminho para a entrada de Espártaco em cena, cuja apresentação apenas será feita na página 24. Caíra a partir daqui Corício no esquecimento ocupando Espártaco um papel relevante, como aliás o esperaria desde o início o leitor, a avaliar pelo índice do volume.

Mas quem é afinal Corício e qual a relação que estabelece particularmente com Espártaco, para ocupar um lugar cimeiro desde o início do volume? Não tendo sido previamente referido no índice, parece ter sido Corício um aliado de Espártaco, alguém que sentira vergonha com o facto dos seus homens terem sido responsáveis pela queda do escravo gladiador (p. 34). Subsiste porém ainda a dúvida: é Corício uma personagem real ou fictícia? A resposta irrompe na página 44 quando o próprio autor coloca no final do capítulo sobre Espártaco, em nota de rodapé, o seguinte " Nomes e lugares referidos são reais. Corício não é personagem de ficção. Foi junto às altas torres de Ébalo, hoje Tarento, que Virgílio encontrou um dia este velho pirata cuja imagem o poeta retrata nas *Geórgicas*." Permitira ao leitor esta advertência aclarar-lhe algumas dúvidas a propósito de Corício e compreender que estivera até ao momento perante uma leitura que tendera motivar o leitor através de uma narrativa que fizera coabitar, num mesmo espaço, o realismo e sentimentalismo próprio de um romance e

conhecimentos historicamente reais e fundamentados. E Corício fora uma peça importante dentro da narrativa, dado que fizera parte de uma técnica literária que para além de criar um certo *suspense* em torno do aparecimento de Espártaco, fora um participante da própria história da escravatura e pirataria em Roma, o que lhe dera o direito de ser ele próprio um narrador participante dessa mesma história. No que concerne à informação da realidade histórica, seguindo o propósito da colecção, também este volume sobressai pela valorização das fontes históricas antigas, quer introduzindo-as na própria narrativa quer expondo-as no final do livro como orientadoras de um estudo mais aprofundado sobre esta matéria. É de salientar a constante preocupação do autor em trazer à luz do dia diferentes fontes sobre um mesmo assunto durante a narração. Assim, tem o leitor contacto com diferentes opiniões sobre um mesmo assunto tendo a oportunidade de confrontar ele próprio os dados colocados ao seu dispor. Nada esconde o autor e, por isso mesmo, nem no que se refere a dados numéricos dispensa as diferentes opiniões. Relativamente às fontes é de notar, somente como forma de enobrecer ainda mais este estudo, o facto de se omitir na enunciação das fontes antigas a referência a Cícero, precisamente quando durante a narração se socorreu o autor deste testemunho. E sem perder de vista a selecção de informação exigida a um tipo de estudo que não pretende estender-se demasiado, seria certamente enriquecedor se fosse feita também uma referência a alguns epigramas de Marcial sobre o assunto em estudo, não só porque fora de igual modo evocado na narrativa, mas também pelo interesse que este autor poderia despertar no leitor sobre esta e outras realidades romanas.

A escravatura em Roma, com particular destaque para a figura de Espártaco, fora desde cedo fonte de inspiração quer para a realidade literária quer cinematográfica, o que significa que um estudo deste tipo exige da parte do autor uma sensibilidade que não pode ficar indiferente a este interesse moderno. E este respeito para com a relação peculiar entre dois tempos cronológica e culturalmente distanciados pronuncia-se de duas formas: por uma lado, pela preocupação em se efectuar um levantamento de trabalhos que fizeram a actualização de Espártaco passando pela literatura, cinema ou música (p. 41-43); por outro lado, a nível da linguagem, quer pela actualização de certos topónimos e pelo facto de se familiarizar o leitor com a língua latina ao mesmo tempo que se introduzem no discurso vocábulos que, longe da realidade clássica, são fonte de entendimento para qualquer tipo de leitor dos nossos dias de hoje. Assim sendo, surgem num mesmo estudo asserções como "o pirata é um inimigo comum (*communis hosti omnium*)" (p. 17), ou, "Eram conhecidos os 'golpes financeiros' de Crasso, o seu porte de *playboy*..." (p. 33).

Comparativamente à figura de Epicteto, este parece ter ficado um pouco isolado dentro de um estudo que procurava estruturar-se sob a forma de narrativa romanceada. O que faz coabitar num mesmo estudo dois estilos organizacionais diferentes e, por isso mesmo, se o início do capítulo sobre Espártaco nos reporta

para o campo do romance, inicia-se a exposição sobre Epicteto de uma forma muito próxima de um livro de apontamentos biográficos ("Falemos antes de Epicteto..." p. 45)

Em Epicteto, escravo filósofo, realça o autor essencialmente a sua vertente filosófica e, como tal, mais do que o envolver na temática da escravatura, dá a conhecer resumidamente os princípios estóicos que norteavam a sua vida. Enriquecedor se torna sem dúvida a apresentação destes princípios filosóficos para quem procurando informações sobre a escravatura toma também contacto com a filosofia estóica. Ainda que a avaliar pelo índice, nada orientasse o leitor nesse sentido dado o desprovements de títulos.

Com a escolha de Espártaco e Epicteto tem o leitor a oportunidade de tomar contacto com dois vultos marcados pelo mesmo vínculo da escravatura mas nitidamente afastados na forma como lutam e como se distinguem em Roma.

Completa é a visão que este volume nos proporciona sobre um acontecimento que, tendo projectado negativamente Roma para a modernidade, fizera dela palco para grandes realizações como foi ultimamente a estreia do filme "O Gladiador".

Fora este volume a história da humilhação humana e o reflexo de uma civilização que tinha o escravo como mera *res*. E se no volume *Catão Censor*, apesar de toda a dureza que o passar dos anos trouxe a Catão, se enaltecer a forma como "tratava afavelmente os que o serviam..." (p. 46), a verdade é que o presente volume de Abel Pena não vê na actuação deste vulto qualquer atitude filantrópica, afirmando mesmo que "Catão, o severo censor... não hesita em servir-se dos seus escravos como animais de carga." (p. 37). Não parece ter Catão qualquer desculpa num estudo cujo propósito é o de mostrar a história da indigna escravatura humana.

Em suma, conseguiram os dois volumes fazer emergir à luz da modernidade a história de algumas personagens que, fazendo parte dos alicerces fundamentais da História de Roma, se converteram em símbolos de valores, virtudes ou defeitos.

DINA ABREU

Victor Jabouille, *César*, Colecção *Vultos da Antiguidade* (4), Mem Martins, Editorial Inquérito, 1996; João Daniel Lourenço, *Cícero*, Colecção *Vultos da Antiguidade* (9), Mem Martins, Editorial Inquérito, 1999.

Integrados na colecção *Vultos da Antiguidade* surgem os volumes dedicados às proeminentes figuras de César e de Cícero. Estranho seria, aliás, se cada um dos nomes de tão reconhecidos estadistas não fosse contemplado por um dos volumes da referida colecção.